

Disputas locais cedem à pressão dos palanques

Leque amplo de alianças obriga os dois principais candidatos à Presidência a passarem por cima de interesses paroquiais

Roberto Stuckert Filho

Rudolfo Lago

• BRASÍLIA. O secretário-geral do PSDB, deputado Arthur Virgílio, atendeu seu telefone celular na tarde da última quarta-feira e ouviu do outro lado da linha a voz irritada do candidato do partido ao Governo do Paraná, Álvaro Dias.

— Essa escolha do Euclides Scalco para coordenar a campanha do presidente é um desrespeito a mim. Vocês estão ignorando o meu potencial eleitoral e dificultando a vida do partido no Paraná — reclamou Álvaro Dias.

O ex-governador do Paraná lembrava a Arthur Virgílio os desentendimentos que teve com o ex-deputado Scalco e com o ex-senador José Richa para ingressar no PSDB.

Scalco e Richa saíram do PSDB após Dias entrar no partido

Os dois foram contrários à sua filiação e chegaram a se desligar do partido com a entrada de Dias. Eles formam uma dissidência declarada à sua candidatura.

— É uma realidade que você vai ter de aceitar. Os interesses nacionais do PSDB são maiores do que os interesses locais aí do Paraná — devolveu Virgílio.

Um dia depois, na quinta-feira, foi a vez de o deputado Giovani Queiroz (PDT-PA) abaixar a cabeça diante do presidente do seu partido, Leonel Brizola. Queiroz pregava a necessidade política de o PDT paraense apoiar a reeleição do tucano Almir Gabriel. O governador foi eleito com o apoio do PDT, que inclusive tem secretarias no seu Governo. Brizola deu a Queiroz uma resposta semelhante à de Arthur Virgílio para Álvaro Dias.

O PDT deverá retirar o apoio a Almir Gabriel, sob pena de uma intervenção no diretório do estado. Coisa que, aliás, o PSDB já fez em Rondônia, para garantir que o partido apoiasse no estado a reeleição do governador peemedebista Valdir Raupp.

Aliança com muitos partidos cria problemas para FH e Lula

As histórias ilustram um problema comum aos dois principais candidatos à Presidência. Por estarem apoiados numa aliança que envolve muitos partidos, tanto o presidente Fernando Henrique quanto o candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, têm dificuldades para garantir nos estados a união desses partidos no mesmo palanque. Convictos de que as suas chances de vitória estão na manutenção dessa composição de forças políticas, os dois trabalham ativamente para manter as composições nos estados, mesmo que isso signifique o sacrifício das pretensões locais de cada partido.



O PRESIDENTE FERNANDO Henrique Cardoso cumprimenta populares durante inauguração da ponte sobre o Rio Paraná: escolha de Euclides Scalco para coordenador causou problemas regionais

— A união dos partidos de esquerda é uma necessidade mais do que provada. Os companheiros têm de passar por cima das eventuais dificuldades regionais em troca de um projeto maior. Ninguém vai querer trabalhar agora pelo fracasso do nosso projeto — argumenta o líder do PT na Câmara, Marcelo Déda (SE).

— Sobre que pretexto vamos manter nos estados candidaturas fracas que só atrapalham o entendimento nacional? — repete, pelo lado do Governo, o ministro dos Transportes, Eliseu Padilha.

Apesar do esforço das direções dos partidos, porém, Fernando Henrique e Lula não estarão livres dos palanques divididos. Com a desistência do senador Teotônio Vilela Filho de disputar o Governo pelo PSDB, Alagoas pode se tornar um dos poucos palanques unificados de Fernando Henrique. Todos os governistas apoiarão Manoel Gomes de Barros, o Mano, do PTB, evitando que ele seja apadrinhado pelo ex-presidente Fernando Collor. Os partidos que apóiam o presidente

estarão divididos nas eleições de Acre, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Maranhão, Minas Gerais, Pará, Paraná, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rondônia, Roraima, São Paulo e Sergipe. Podem ocorrer ainda divisões no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Nos dois estados, o PSDB resiste a ir para o sacrifício.

No Rio Grande do Sul, vice é afastado para facilitar aliança

No Rio Grande do Sul, o vice-governador Vicente Bogo foi afastado da sua cadeira para dar lugar ao PPB na aliança em torno da reeleição de Antônio Britto (PMDB). Em Santa Catarina, o PFL exige as vagas de vice para alguém ligado ao senador Vilson Kleinubing, ou para o próprio, e de senador para Jorge Bornhausen, deixando o PSDB sem nada. Os tucanos ameaçam lançar o deputado estadual Francisco Küster, mas a direção nacional pode exigir o sacrifício.

Pelo menos Fernando Henrique não terá muitos aliados subindo nos palanques do adversário. Não foi impossível evitar isso no Acre, onde o PSDB apoiará o candidato do PT, Jorge Viana. No Amazonas, onde o mesmo deveria acontecer com Serafim Correia, do PSB, houve interferência direta de Fernando Henrique. Novo sacrifício tucano: não apoiará ninguém para o Governo do estado.

O problema que Fernando Henrique conseguiu evitar, Lula terá em muitos estados. O candidato do PT terá palanques divididos em Amapá, Bahia, Ceará, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Maranhão, Minas Gerais, Paraná, Piauí, Rio Grande do Sul, Rondônia e São Paulo. E o pior para Lula é que em alguns desses estados seus aliados estarão nos palanques dos correligionários de Fernando Henrique. Em Goiás, por exemplo, o PSB apoiará o senador Íris Rezende (PMDB). Em Mato Grosso, os socialistas estarão com Dante de Oliveira (PSDB). No Maranhão, é o PDT que apoiará

Epitácio Cafeteira (PPB).

— Ninguém pode ignorar a existência das peculiaridades regionais. Ainda não temos partidos sólidos, com fidelidade partidária. Nos EUA, ninguém imaginaria alguém do Partido Republicano coligado com alguém do Partido Democrata. Ou, na Inglaterra, trabalhistas unidos com conservadores — lamenta o líder do PDT na Câmara, deputado Miro Teixeira (RJ).

Direções centrais de partidos tentam conciliar interesses

Tanto no caso dos partidos que apóiam Fernando Henrique como no caso dos que apóiam Lula, as direções centrais tentam conciliar os interesses das candidaturas nacionais com os problemas locais. Quando se percebe um problema para a candidatura nacional, ocorre a intervenção, como no caso da candidatura do petista Vladimir Palmeira no Rio.

Os parlamentares não admitem publicamente, mas sabem que a experiência, a malícia e a consistência de cada partido acabam in-

fluindo também na hora de decidir quem vai para o sacrifício. Os peemedebistas sorriem quando acompanham o que ocorre com o PSDB. O partido tem hoje sete governos: Ceará, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Rio, São Paulo e Sergipe. Corre sérios riscos de perder os principais, São Paulo, Rio e Minas. Situação tranquila só têm os candidatos tucanos de três estados: Tasso Jereissati, no Ceará, ainda que coligado a Ciro Gomes, adversário de Fernando Henrique; Teresa Jucá, em Roraima; e Albano Franco, em Sergipe. Nos bastidores, os peemedebistas comentam: na ampla aliança formada para eleger Fernando Henrique, os tucanos são os mais ingênuos e, por isso, acabam sendo os mais sacrificados.

— Não somos bobinhos, não. É certo que desistimos de algumas candidaturas, como a de Teotônio em Alagoas, porque não tínhamos boas chances. Se não crescermos nos governos estaduais, cresceremos na bancada no Congresso. Isso eu garanto — diz Arthur Virgílio. ■